

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à filosofia: do Acontecimento apropriador*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Revisão de Gabriel Lago Barroso. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2015, 503 p.

A edição brasileira que ora apresentamos foi diretamente traduzida do original alemão *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. No evento de lançamento desta 1ª edição, afirma Casanova que *Contribuições* é o livro mais importante do pensamento tardio de Heidegger e talvez o mais importante do pensamento de Heidegger como um todo e, seguramente, um dos mais importantes do pensamento contemporâneo. Diz ainda de modo contundente: *Contribuições* é a obra fundamental do pensamento hermenêutico, fenomenológico e existencial do século XX.

Heidegger é o pensador contemporâneo reconhecido principalmente pela determinação com a qual assumiu o árduo e complexo trabalho de revisão crítica da questão do Ser sob nova e inusitada diretriz. O pensamento ontológico (metafísico) tradicional é colocado seriamente em discussão e submetido ao crivo da nova perspectiva elaborada em *Ser e Tempo* (1927).

Nossa análise vai na esteira dos comentários elaborados pelo tradutor e estudioso do pensamento do autor, Marcos Casanova (tradutor de tantas outras obras de Heidegger). Sempre que falamos em Heidegger, vem-nos à mente a obra *Ser e Tempo*. De fato, com ela Heidegger ganhou notoriedade na filosofia e no campo do pensamento do século passado. Quanto a isto não há dúvida. Mas isto não é tudo. Há muita coisa que o público leigo desconhece do projeto maior da obra heideggeriana. *Ser e Tempo* não esgota a expressão projetiva de Heideggera respeito das questões fundamentais que surgem no contexto histórico do início do século passado.

Tenhamos como certo e categórico que desde que Heidegger se despontou no início da década de 1920 até seus últimos escritos no limiar de sua morte na década de 1970, ele procurou o confronto decisivo com a questão da história e do poder determinante ou determinativo que os acontecimentos e horizontes históricos têm sobre nós. Em tais perspectivas e horizontes foi possível ao filósofo alemão levantar de modo radical e inovador os problemas da verdade e da liberdade e da possível relação entre elas, enquanto horizontes

condutores de uma nova relação com as coisas, com os outros e com nós mesmos. A tais articulações teóricas, evidentemente, não passam despercebidos os acontecimentos pelos quais atravessava a Alemanha e a Europa em seu todo nos anos de 1930.

No bojo de tais acontecimentos que suscitam uma compreensão da historicidade e da liberdade do homem enquanto *Dasein*, é que devemos situar o surgimento da obra *Contribuições à Filosofia* em 1946 e de que maneira ela ganhou o lugar privilegiado de uma segunda obra capital. Sabemos que *Ser e Tempo* desembocou numa crise ou “fracasso” por não conseguir esgotar a totalidade do projeto inicial de Heidegger. Tal “fracasso” ou insatisfação relacionada a *Ser e Tempo* tem para Heidegger um significado de transição ou de mudança de estratégia de abordagem. Ainda que esta obra tenha se constituído a partir da tentativa de pensar a relação entre o homem e a história, no fundo ela não dá conta do caráter propriamente histórico do existir humano. Isto pelo fato de *Ser e Tempo* ter pensado o mundo como um horizonte de preconceitos (conceitos prévios) historicamente constituídos, que só recuperava a sua mobilidade histórica por meio de processos que vão tornando possíveis as sedimentações históricas específicas. *Ser e Tempo* pensa a relação entre os homens (enquanto ser-aí), entre o homem e a história a partir da pressuposição de que todos nós nos encontramos em meio a horizontes hermenêuticos historicamente constituídos e que estes orientam a constituição de nossos comportamentos em geral, práticos e teóricos.

Em *Contribuições*, Heidegger baseia-se nas noções de “terra” e de “mundo”, já introduzidas em *A Origem da Obra de Arte* (1936), e acrescenta o conceito de “o último deus”. O resultado é um movimento para longe da centralidade das análises fenomenológicas do *Dasein*, em direção à terra do *Dasein* como uma decisão histórica de seres humanos. Terra pode ser entendida como a condição de possibilidades para o mundo; nem a terra nem o mundo pode existir sem o outro, sendo, portanto, engajados em uma luta ou conflito constante e produtivo

Heidegger observa que *Ser e Tempo* não consegue dar conta do caráter da determinação histórica do tempo, a unidade histórica. Por meio da *viragem (Kerhe)* – 1932 – Heidegger abandona a pretensão de que a história se transforma quando nós nos singularizamos e passa a pensar o motor da história como estando enraizado na própria finitude dos fundamentos históricos e nas possibilidades sempre renováveis de requisição do ser-aí como o ente que pode articular a voz silenciosa dos acontecimentos históricos. Verificamos que a partir daí,

Heidegger iniciou a transição de uma filosofia centrada na análise do ser-aí para outra que visa escutar ou lembrar os modos como o Seer (*Seyn*) se manifestou ao longo da História.

Neste sentido que devemos ler e compreender *Contribuições*. Aqui ele afirma que é preciso antes de tudo colocar a pergunta radical sobre o modo de ser dos acontecimentos históricos. Esta seria a grande “contribuição” da obra à filosofia: não pensar mais a partir da multiplicidade de processos históricos, significados históricos, orientações históricas e de conceitos prévios (a capa de preconceitos) e da pergunta de uma liberdade em relação aos pré-conceitos, mas ao contrário a partir de uma tentativa de se lançar diretamente no próprio espaço dos acontecimentos. Pretende ir além da abordagem de estruturas prévias que condicionam nosso modo de ser; procura se lançar no cerne do acontecimento e de pensar naquilo que sempre resguarda a possibilidade de acontecimentos históricos em geral. Fica explícito que a tarefa estrutural da filosofia não é determinar como serão os acontecimentos históricos que estão por vir ou não, mas em sentido amplo resguardar o sentido do poder-ser; o que seria equivalente a uma não redução da história a um momento específico.

Que se anunciava de tão insólito, então, nessas contribuições? Convém que façamos breve apresentação desse cenário a fim de entender a necessidade e as características da nova disposição. O subtítulo desse livro, “Do acontecimento apropriador”, é esclarecedor para tanto. Por via dessa palavra – *Ereignis*– Heidegger faz a passagem da pergunta pela verdade do Ser (*Sein*), centrada no ser-aí, para a pergunta pela verdade do Seer (*Seyn*), que ele escreve conforme a grafia antiga e variável do alemão. Trata-se de uma reviravolta copernicana a partir de um pensar existencial para um historial, em que a própria analítica de *Ser e Tempo* é vista na perspectiva da história de como o Seer se desvelou, e de como todo o “impensado” da tradição metafísica entra para o âmbito da meditação. Ao invés da existência daquele ente que, ao existir e ao se pôr em jogo, faz a pergunta pelo sentido do ser, a História (*Geschichte*) passa a ser considerada como o que suscita o perguntar pensante e o lugar de suas decisões, e o acontecimento-apropriador (*Ereignis*), como a maneira pela qual o Seer se essencializa nesse lugar. O acontecimento-apropriador é o que abre as diferentes clareiras do Seer nas quais o homem, de modo privilegiado, pode existir.

Embora se fale de história, não se deve cair na ilusão de que a verdade do Seer que se instaura nesses eventos seja causada por algo ou vem a causar alguma coisa, visto que o Seer só seja apreendido à medida em que se dá como evento, ele não é passível de explicações

causais. Heidegger afirma que foram várias as essencializações do Ser ao longo da História, cada uma das quais caracteriza épocas inteiras da filosofia. Por sua vez, o evento da nossa época não seria apenas mais uma. Em verdade, o que distingue nossa época (na qual vige a indigência do pensar), em relação às essencializações passadas, reside no fato de que o evento que aconteceu e que agora acontece possibilita a passagem para um novo começo. Esta transição precisa enfrentar o primeiro começo supracitado, que nela ainda ressoa, e reunir a reminiscência de sua essência a fim de se concretizar. Assim, as *Contribuições* são uma tentativa de articular novoestilo de pensamento que se coadune a essa exigência. Isto suscita uma série de questões.

Em primeiro lugar, este pensamento historial que agora se põe em marcha não se pode valer daquilo que já se fossilizou com o esgotamento da Metafísica; ele não pode, por consequência, ser um sistema e nem ao menos uma doutrina. Oacabamento dos sistemas simplesmente não lhe convém porque contradiz seu caráter transitivo; e a cristalização conceitual, própria das doutrinas, também se apresenta como empecilho porque enfraquece o vigor da interrogação e não permite que esta avance em direção ao insuperado, isto é, à pergunta pela verdade do Ser. Este novo estilo de pensar tem de ser curso-pensante, sempre em movimento. Em segundo lugar, como o pensamento que se inicia não é o que passou, nem ainda o que há de vir, ele possui caráter abissal e só pode ser realizado por poucos e insólitos. Os poucos e os insólitos são aqueles que, de tempos em tempos, se desenredam de respostas prontas a fim de perguntar pela densidadedessa palavra através da qual Heidegger faz a passagem da pergunta pela verdade do Ser (*Sein*), centrada no ser-aí, para a pergunta pela verdade do Ser (*Seyn*) em sentido historial. A analítica existencial de *Ser e Tempo* agora é vista na perspectiva da história de como o Ser se desvelou, e todo o “impensado” da tradição metafísica entra para o âmbito desta meditação.

João Bosco Batista
(UFSJ – São João Del Rei – MG - Brasil)
jkdcbosco@gmail.com

Data do registro: 31 de agosto de 2015
Data do aceite: 18 de novembro de 2015